

II Prêmio

Diário
contem

de Fotografia

porâneo

MOSTRAS FOTOGRÁFICAS

**“Crônicas Urbanas”
e “Solitude”**

de 15 de março a 16 de maio
Museu da UFPa

**“Diários da Cidade”
e “Do Outro Lado da Rua”**

de 16 de março a 17 de abril
Museu Casa das Onze Janelas

ATIVIDADES EDUCATIVAS

OFICINAS · PALESTRAS

ENCONTROS COM ARTISTAS

ENTRADA FRANCA

Belém 2011



Ficha Técnica

Jader Barbalho Filho
DIRETOR PRESIDENTE
DO DIÁRIO DO PARÁ

Camilo Centeno
DIRETOR GERAL DA RBA

Francisco Melo
DIRETOR FINANCEIRO

RBA - Marketing

Daniella Barion
GERENTE DE MARKETING

Cleide Monteiro
COORDENADORA DE MARKETING

Goretti Coutinho
ANALISTA DE EVENTOS

Projeto Prêmio Diário Contemporâneo De Fotografia

Mariano Klautau Filho
SUPERVISÃO E CURADORIA GERAL

Lana Machado
COORDENADORA DE PRODUÇÃO

Irene Almeida · Regina Fonseca
PRODUÇÃO

Joyce Nabiça · Rosinete Moraes
ASSISTENTES DE PRODUÇÃO

Andrea Kellermann
DESIGNER GRÁFICO

Amanda Aguiar · Dominik Giusti
ASSESSORIA DE IMPRENSA
TEXTOS E ENTREVISTAS

RBA - Tecnologia de Informática

Antonio Fonseca
GERENTE DE TI

Aldo Alves
GERENTE DE CONTEÚDO ONLINE

Leonidas Amorim
SUPERVISOR DE DESENVOLVIMENTO

Oscar Alencar
SUPERVISOR DE WEBDESIGN

Museu da Universidade Federal do Pará

Jussara da Silveira Derenji
DIRETORA

Nilma das Graças Brasil de Oliveira
COORDENADORA CULTURAL

Norma Sueli Monte de Assis
COORDENADORA ADMINISTRATIVA

Raimundo Augusto Vianna
COORDENADORA DE ACERVO
E DOCUMENTAÇÃO

Manoel Lima Pacheco
TÉCNICO DE MONTAGEM

Paulo Souza
COORDENADOR AÇÃO
SÓCIO-EDUCATIVA

Toky Popytek Coelho
BOLSISTA/UFPA-MONITORIA
E AÇÃO EDUCATIVA

Tablóide

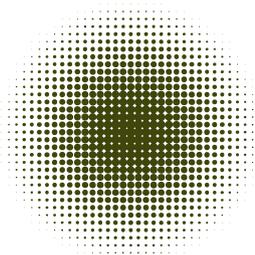
Amanda Aguiar e Dominik Giusti
TEXTOS

Amanda Aguiar
EDIÇÃO

Andrea Kellermann
DESIGN

Sumário

Passeio pela fotografia brasileira	3
Leonardo Sette	4
Luzes inimigas	4
Silas de Paula	6
A beleza do caos	6
Roberta Carvalho	8
Árvores que pulsam	8
Beleza que nasce do azul	10
Em imagens, o mistério da fé	11
Redutos da memória	12
A fotografia e o museu contemporâneo	14
Projeto também investe em formação	15
Fotografia sem fronteiras	16
Das páginas para a galeria	20



Oficinas

Processos da Cianotipia com Eduardo Kalif

Período: 7 a 11 de fevereiro

Fotografia Documental com Guy Veloso

Período: 22 a 26 de março

Diálogos Fotográficos com Alexandre Sequeira

Inscrições: 9 a 25 de março

Período: 2 a 20 de abril

Bate-papos

Com Ernani Chaves

24/03 às 19h – IAP

Com Fotojornalistas

31/03 às 19h – Museu Casa das Onze Janelas

Com Luiz Braga

06/04 às 19h – IAP

Com Marisa Mokarzel

28/04 às 19h – IAP

Com Mariano Klautau

12/05 às 19h – IAP

Crônicas Urbanas

A história da cidade tem com a história da fotografia uma cumplicidade especial. O século XIX acolheu a invenção e o desenvolvimento da imagem fotográfica ao passo que imprimiu às cidades o início de uma expansão espetacular. A dinâmica urbana no século da revolução industrial se viu refletida na expansão da linguagem fotográfica. A imagem da cidade moderna se desenvolveu nas vanguardas fotográficas do século XX tanto no processo fragmentado das linguagens experimentais como também na nova atitude da fotografia documental como diário do cotidiano. A modernidade urbana experimentou sua utopia na mesma medida em que a fotografia viveu sua utopia moderna. Esta experiência se intensifica quando o fotógrafo desdobra a sua linguagem como resposta aos desafios da cidade contemporânea.

A cidade é um lugar privilegiado de ação da cultura. Nele o artista contemporâneo é parte importante na reconstrução dos valores urbanos. Ele pensa a cidade como meio ambiente social e artístico e o re-configura como espaço concreto e ficcional quando dialoga diretamente com ele. O fotógrafo não só é um atento observador da cidade desde o seu nascimento, como também é um ator fundamental nas representações e identidades sociais do meio urbano. A cidade do século XXI é desafiadora para o fotógrafo contemporâneo porque é constituída de crise e superação diante das questões sociais, ambientais e artísticas.

Espaço de ficção e realidade, a cidade se torna para fotografia matéria inestimável constante de reflexão das relações entre arte e sociedade. As instituições internacionais manterão em 2011 em suas pautas a necessária discussão sobre meio ambiente e florestas. Este fato reforçará a importância da auto-sustentabilidade no desenvolvimento da relação entre cultura e natureza. Diante disto, propomos ao artista um contraponto com o tema “Crônicas Urbanas”: traduzir a cidade como a floresta cultural que precisa ser repensada na mesma medida que as florestas naturais e construir as imagens e histórias vividas no espaço urbano. O Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia em sua abrangência nacional ocupa um posto de observação outro que não é o sudeste brasileiro, e sim o norte-amazônico-urbano. Neste sentido, a cidade de Belém representa também uma outra utopia e atual crise urbana dentro da floresta. Convocamos o fotógrafo a tomar a cidade como matéria em sua proposta artística, seja qual for sua linguagem: do documental ao poético, da instalação às ações, do cotidiano social às ficções subjetivas. Convidamos o fotógrafo a recriar o tempo urbano e refletir sobre a cidade como meio-ambiente, espaço da experiência social e lugar das imagens e vivências.

Mariano Klautau Filho

Curador do Projeto Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia

Passeio pela fotografia brasileira

II PRÊMIO DIÁRIO CONTEMPORÂNEO REVELA OLHARES SOBRE A CIDADE

A dinâmica urbana como metáfora da própria expansão da linguagem fotográfica norteia o II Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia. Depois de se debruçar sobre a diversidade cultural brasileira em sua primeira edição, desta vez o projeto toma como ponto de partida a cidade como lugar privilegiado de ação da cultura. E propõe ao artista um exercício sobre o universo urbano, seu cotidiano, suas imagens e representações.

A ideia é exaltar a fotografia em suas múltiplas possibilidades de linguagem, suporte e poética, sob o tema “Crônicas Urbanas”. O concurso, voltado a artistas de todo o Brasil, ofereceu três prêmios no valor de R\$ 10 mil cada: Prêmio

Crônicas Urbanas, destinado aos fotógrafos que apresentem trabalhos de abordagem documental, voltada ao cotidiano ou originados de um projeto autoral de documentação; Prêmio Diário Contemporâneo, voltado a todos os artistas selecionados cujo trabalho fotográfico dialogue com a instalação, vídeo, objeto ou performance; e Prêmio Diário do Pará, voltado exclusivamente a fotógrafos paraenses ou atuantes no Pará por pelo menos três anos, abrangendo todas as propostas conceituais.

Os trabalhos foram julgados por uma comissão formada pelo pesquisador e artista visual Alexandre Sequeira, e os pesquisadores e curadores Tadeu Chiarelli e Marisa Mokarzel. A primeira edição

do projeto, que recebeu 247 inscrições de 45 cidades brasileiras, consagrou os paraenses Octávio Cardoso e Paulo Wagner Oliveira, e o coletivo Parênteses, de São Paulo, escolhidos nas categorias “Brasil Brasis”, “Diário do Pará” e “Diário Contemporâneo”, respectivamente.

FORMAÇÃO

O projeto prevê uma ampla programação que inclui ciclo de palestras, encontros com artistas, oficinas, atividades de arte-educação e publicação de livro. Segundo Jader Barbalho Filho, diretor presidente do Diário, o caráter de formação do projeto, que não se encerra enquanto prêmio, busca incentivar o surgimento de novos artistas.

PREMIADOS

Prêmio Crônicas Urbanas
Silas José de Paula (CE)

Prêmio Diário Contemporâneo
Leonardo Sette (PE)

Prêmio Diário do Pará
Roberta Carvalho (PA)

SAIBA MAIS

Para ver a lista de selecionados e a programação completa do projeto, acesse www.diariocontemporaneo.com.br.

Novidades também pelo Twitter:
www.twitter.com/premiodiario.

“Nosso estado sempre se destacou pelo talento dos seus fotógrafos. E o Prêmio

Diário Contemporâneo tem o objetivo claro de aproximar artistas do público e, ao mesmo tempo, dar a chance aos paraenses ou residentes no estado de conhecer ainda mais a produção local e nacional. As oficinas e atividades programadas durante o evento permitem a formação, o aperfeiçoamento e a revelação de novos talentos”, diz.

Na ocasião do lançamento, em dezembro, Karla de Melo gerente de comunicação regional da Vale, patrocinadora do projeto, destacou que “o catálogo proporciona um convite: a partir da visão particular de cada fotógrafo, podemos entender melhor a diversidade que torna nosso país um lugar único. Além disso, cada fotografia proporciona um deleite visual que faz bem ao olhos e à alma”. (A.A.)



Leonardo Sette

Luzes inimigas

O pernambucano Leonardo Sette é dono de uma trajetória reconhecida no cinema. Graduado em História do Cinema pela Université Paris, ele produziu e montou dois longas e mais de 20 curtas, além de ter ministrado oficinas de vídeo para jovens indígenas em várias partes da Amazônia. Como crítico, colabora desde 2006 com a revista Cinética, publicação eletrônica focada na reflexão crítica e ensaística sobre o cinema e o audiovisual – também conhecida pelos textos ácidos. Seus curtas “Ocidente” e “Confessionário”

colecionam prêmios em festivais pelo Brasil e ele se prepara para iniciar as filmagens de “Leme”, filme contemplado pelo Programa Petrobras Cultural.

Só que há pouco menos de um ano, Leonardo se descobriu fotógrafo. E nada mais natural que tanta familiaridade com o universo das imagens em movimento também impregnasse sua fotografia estática

O artista celebra Paris como palco político e berço esplêndido da imagem em “As Luzes inimigas”, instalação

vencedora do II Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia – Crônicas Urbanas, na categoria “Diário Contemporâneo”.

Composta por 16 fotos acompanhadas pela exibição contínua de um vídeo de sete minutos, o trabalho - produzido entre 2005 e 2008 na Cidade-Luz - levanta questões sobre formatos, vídeo, cinema, cinefilia e a própria fotografia. “As Luzes Inimigas” é quase um roteiro de cinema, fragmentado e visual e com apuro técnico impecável”, elogia o curador geral

do projeto, Mariano Klautau Filho. “Conversam na mesma medida o rigor da fotografia urbana em preto e branco e a fluidez do vídeo, a serviço de uma narrativa extremamente pessoal”, destaca.

O júri, formado pelo curador, historiador e crítico de arte Tadeu Chiarelli; a curadora e professora Marisa Mokarzel; e o fotógrafo e professor Alexandre Sequeira – analisou 254 trabalhos vindos de todas as regiões do Brasil. Cada um dos três vencedores receberá um prêmio de R\$ 10 mil.

Foi em 09 de outubro de 2010 que Leonardo produziu seu primeiro trabalho fotográfico, A imagem apropriada, série de 12 fotografias, realizadas em aldeias indígenas amazônicas, entre julho de 2005 e setembro de 2010, premiada

com Menção Honrosa no Prix Photo Web Aliança Francesa em 2010. A série fará itinerância em todas as unidades da Aliança Francesa do Brasil, a partir de março de 2011. Casal de Betânia, Fotografia feita no sertão pernambucano reproduz o retrato tradicional de parede e foi uma das ganhadoras do 4º Concurso de Fotografia Pernambuco Nação Cultural 2010.

TEOR POLÍTICO

Em “As Luzes Inimigas”, protestos de rua parecem aprisionados como inofensivas imagens de arquivo, graças a um cenário antiquado – e ao preto e branco documental escolhido pelo fotógrafo. “O excesso de luz contorna a dureza de uma rica e velha sociedade, num país hoje governado com



grave teor de extremismo”, destaca o artista no texto de apresentação do projeto.

Na imagem intitulada “Sarkozy-Le Pen”, vemos uma Paris às vésperas das eleições, repleta de cartazes mostrando o rosto do então candidato à presidência Nicolas Sarkozy com o nome do líder da extrema direita Jean-Marie Le Pen.

O ano era 2007. “O flerte desinibido com ideias da extrema direita foi parte importante da eficiente estratégia que levou Sarkozy ao poder”, pontua Leonardo.

Em “Gás”, vemos fotografos atingidos por gás lacrimogêneo durante repressão às manifestações estudantis em 2006. Já o díptico horizontal

“Pedras” é o registro de um ataque à barreira policial que fecha o caminho ao escritório do primeiro-ministro em uma época em que a França tinha até então o mais alto índice de desemprego entre jovens da Europa. (A.A.)



Leonardo Sette



Silas de Paula

A beleza do caos

Seduzido pelo caos que é característica fundamental dos grandes centros, com toda a velocidade dos atos e toda a complexidade da vida que há nesses espaços, o fotógrafo

capixaba Silas de Paula descobriu um novo sentido para a sua fotografia. Habitado ao preto e branco documental, clássico, e com vários trabalhos autorais na bagagem,

ele se viu sufocado, entrou em crise.

Começou a achar suas imagens duras, angustiadas demais. O documental limitava, não dava conta do que

estudar”, lembra. Foi morar na Inglaterra, fez doutorado, tornou-se professor. E permaneceu 20 anos sem fotografar. Foi quando a vida acabou lhe surpreendendo: a filha havia

se tornado fotógrafo.

Com ela, Silas aprendeu a pensar no que hoje chama de “ficcionalização do cotidiano”. E buscou na movimentação apressada do ambiente urbano a poética da dissolução do tempo, das formas, até onde já não seja possível distinguir realidade e ficção. “Andar no centro, durante alguns anos, perceber como é caótico e como a maioria das pessoas que não vivem aquele dia-a-dia reclamam da desorganização, me fez pensar em fazer algo”, lembra.

Dessa inquietude nasceu “Gente no Centro”, série vencedora do Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia na categoria “Crônicas Urbanas”. São cinco imagens multicoloridas, quadradas, não-nítidas, mergulhadas em uma atmosfera de sonho, imaginação. Das cenas ordinárias, vemos irromper a figura humana, sem rosto, anônima – absorvida pela pressa da rotina. Não lhe basta a paisagem: “Eu fotografo gente”, acentua.

VIÉS SOCIAL

A experiência como professor na Universidade Federal do Ceará, na convivência com os alunos e seus questionamentos, também aguçou o olhar do artista. Em uma das várias manhãs de exercícios fotográficos no Mercado São Sebastião, em Fortaleza, um personagem em especial lhe chamou a atenção: o vendedor ambulante. “A mídia pauta estes vendedores como uma praga. Mas eles, com suas cores, dão vida ao centro”, defende.

É claro que não é fácil fotografá-los. Camelôs não costumam simpatizar com fotógrafos. “Eles acham que vamos fazer uma denúncia



nos jornais para expulsá-los do centro”, diz Silas. “Converso com eles e explico que quero mostrar um outro lado. Mesmo desconfiados, muitos me deixam fotografá-los mas, às vezes, eu os fotografo sem

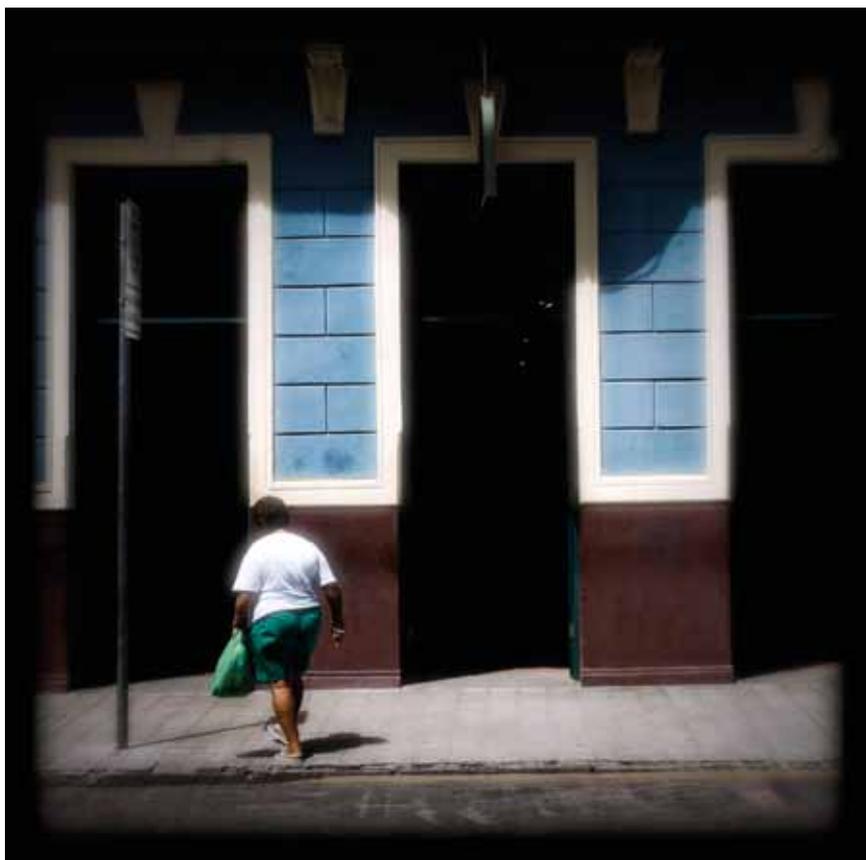
que saibam”, conta. O “outro lado” a que o artista se refere é a defesa desses personagens como elementos fundamentais para a vitalidade desses espaços.

“As maiores cidades do

mundo têm vendedores pelas ruas e são aceitos e, muitas vezes, elogiados pelos turistas. Não acho que eles têm que ser expulsos e sim encontrar um jeito de uma convivência pacífica. É uma questão cultural

e de sobrevivência”, define. “Com as fotos percebi, mais ainda, que o que queremos expulsar é algo que dá vida ao centro, que é bonito e muitas vezes divertido. Lógico que existe uma complexidade

maior que precisa ser discutida, alguns problemas sérios. Mas pode ser um ponto de partida para uma discussão sobre o assunto”. (A.A.)



Silas de Paula



Roberta Carvalho

Árvores que pulsam

EXPERIMENTAÇÃO

A artista foi convidada pela Associação Fotoativa para realizar projeções durante o Colóquio de Fotografia, há dois anos, quando teve o insight de que deveria integrar uma imagem à copa de um dos jameiros da Casa das Onze Janelas. “Fui olhar o espaço para planejar a ação, que era no piso superior, e procurei, procurei... Pensei em várias coisas e fui pra casa. Dormi pensando na proposta e acordei com a imagem exata e o local a ser projetado: a árvore”, relembra a artista, acrescentando que o resultado foi a conjugação de diversas experiências precedentes.

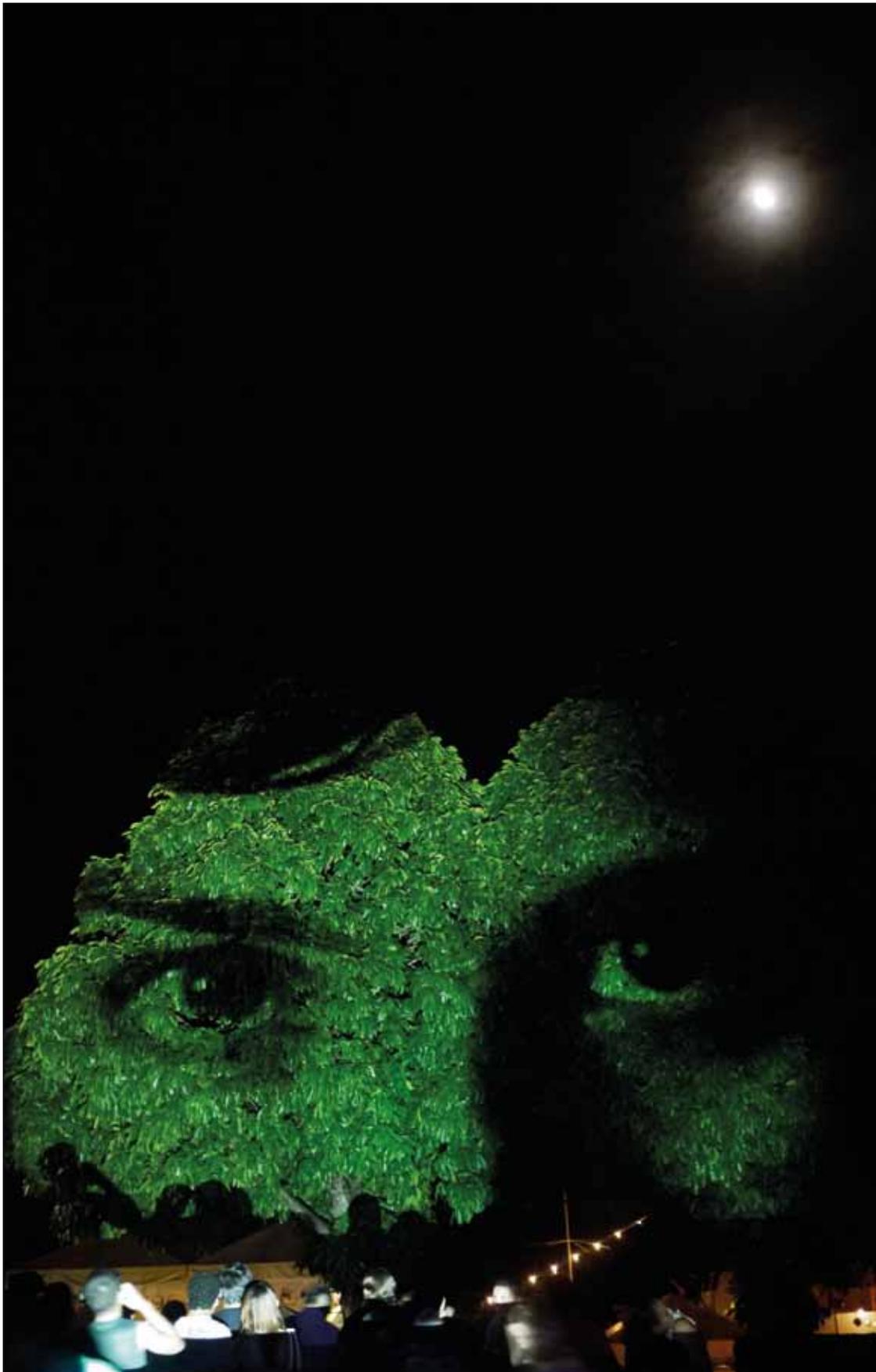
Pronto. Estava feito o primeiro “Symbiosis”, que deu vida ao desejo íntimo de Roberta de falar de natureza por meio da arte e também de levar a arte para um espaço mais acessível, de fácil entendimento. “Para mim, a arte deve apontar para a vida e não para arte”, explica-se. Agora consolidado como projeto de projeção de fotografia e vídeo, o “Symbiosis” tem uma metodologia própria e um dos processos de pesquisa é fazer um estudo formal das copas das árvores para selecionar a figura humana a ser projetada.

O critério básico da escolha do corpo a ser projetado relaciona-se bastante com sua questão formal. Já houve casos, no entanto, em que a relação conceitual falou mais alto na opção pela imagem. Em uma das exposições do projeto, por exemplo, o rosto de uma criança foi projetado em uma árvore “jovem”, no meio de diversas árvores muito maiores. As imagens em geral são de rostos de homens, crianças, e da própria artista, mas não

Fugir de obviedades e de temas clichês para integrar arte e natureza é um desafio. A artista Roberta Carvalho tem isso em mente. O desejo de trabalhar instigada pela relação homem / natureza sempre foi um desejo antigo. Na verdade, ela busca essa integração para compreender algo primário: que o homem é natureza. É tudo orgânico, biológico. Não à toa o termo que define essa relação, “simbiose”, dá título a um de seus trabalhos em que a ideia primeira está imbricada com a construção de um discurso artístico em que homem e natureza são elementos centrais.

“A ideia do ‘Symbiosis’ é restaurar essa identidade e fazer com que literalmente nos vejamos nessa natureza da qual nos separamos e vice-versa”, explica. Simbiose é a palavra usada para descrever a relação entre dois ou mais organismos de espécies diferentes, em que não há perdas para nenhum deles e acontece de forma mutuamente vantajosa.

Projeto Symbiosis – vencedor na categoria Diário do Pará, do II Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia – foi sendo desenvolvido ao longo dos anos, por meio de experimentação artística com imagem e vídeo e pesquisas sobre linguagem audiovisual. E quase sempre com um desejo de aliar o projeto às questões da natureza, com uma proposta não usual, na tentativa de descobrir possíveis espaços de projeção, não óbvios.

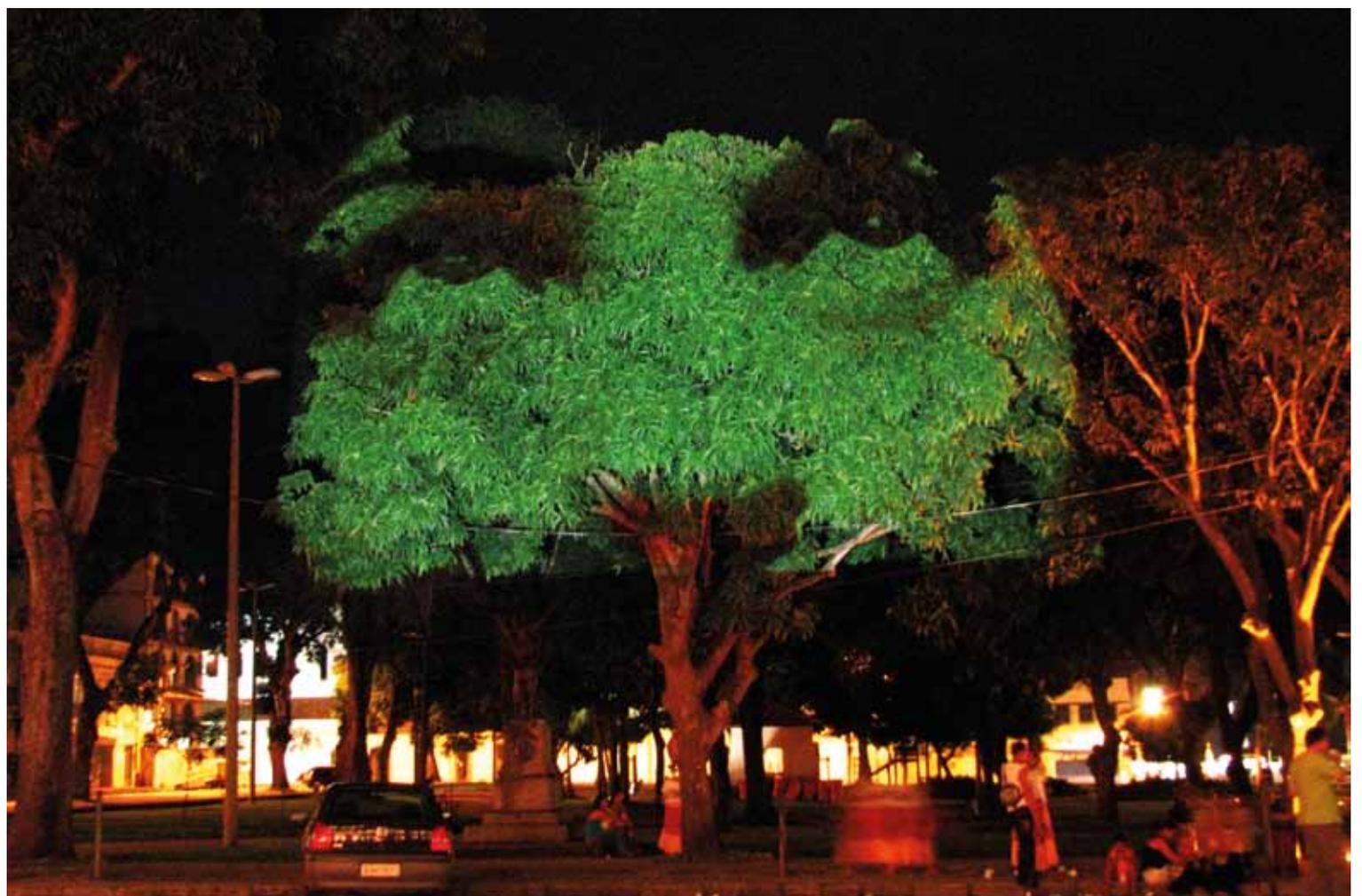


há um rigor para a escolha de quem estará nas projeções. Segundo Roberta, a base do trabalho é a experimentação e a expressividade das formas. “A ‘symbiosi’ é realmente uma busca deste projeto e ela se dá quando há uma perfeita adequação do corpo (do ser humano ou da arte) com a natureza. E isso, só experimentando ver para sentir”.

Pela qualidade plástica, aliada ao forte apelo conceitual, Roberta Carvalho foi a grande vencedora na categoria Diário do Pará. Quem analisa é Alexandre Sequeira, que integrou a comissão de seleção do Prêmio. “O projeto apresenta projeções em suportes não convencionais, fazendo conexão curiosa com outras linguagens. E conceitualmente humaniza a obra. A poética não demanda conhecimento específico na área. A pessoa é seduzida, é encantada facilmente, sem contar a elegância plástica”, diz o artista e professor.

O projeto também será desenvolvido na Ilha do Combu, por meio do edital Microprojetos Mais Cultura Amazônia Legal, do Ministério da Cultura. A ideia é poder levar as projeções para o outro lado do rio, onde o público espectador possui contato diário e intenso com a natureza.

Pensado inicialmente como uma proposta de interação na cidade, o projeto certamente tomará outra dimensão. E para Roberta, atravessar os ambientes – seja no contexto urbano versus ribeirinho, ou ainda no âmbito institucional, como rua versus museu – é a resolução de uma grande questão: “Afim, a arte é para quem?”, indaga. (D.G.)



Beleza que nasce do azul

FOTÓGRAFO EDUARDO KALIF MINISTRA A OFICINA “PROCESSOS DE CIANOTIPIA”

Fotos Eduardo Kalif



Na Paris de 1839, o gordinho e bigodudo Louis Jacques M. N. P. Daguerre escrevia seu nome na história como autor do primeiro processo fotográfico. Depois de anos de experimentos secretos, ele enfim desvendara os segredos da câmara escura.

Entretanto, o êxito de Daguerre, tido como marco oficial do surgimento da fotografia, não sepultou os processos artesanais que lhe precederam. E a simplicidade dessas experiências – que parecem mágicas diante do automatismo da fotografia digital – faz com que sejam constantemente revisitadas por artistas contemporâneos.

Um desses processos, a cianotipia, seduz o olhar do fotógrafo Eduardo Kalif há

mais de dez anos. A técnica exige paciência. Banhada na luz do sol por longos minutos, imersa em sais de ferro, a folha de papel é lavada com cuidado em água corrente. Ao secar, origina imagens marcadas por um azul saturado, intenso, vívido. “Os processos fotográficos artesanais do século XIX são excelentes provocadores estéticos contemporâneos, com enorme potencial de expressão plástica para o fotógrafo ou artista visual”, destaca Kalif.

BLUEPRINT

Convidado do II Prêmio Diário Contemporâneo de fotografia – “Crônicas Urbanas”, ele ministrou entre 7 e 11 de fevereiro a oficina “Processos da

Cianotipia”, que apresentou a técnica também conhecida como “blueprint” a alunos de arte, fotógrafos profissionais e amadores, trabalhando o conceito de educação ambiental patrimonial.

DISCUSSÃO CRÍTICA

O interesse pela cianotipia – a “alquimia luminosa”, como o próprio fotógrafo define – não veio simplesmente como curiosidade histórica, mas a partir da possibilidade da sua utilização como recurso para discussão crítica da imagem. “Entendendo a produção da fotografia, compreendendo a tecnologia que a concebe, você se torna um pouco mais capaz de avaliar os processos ideológicos que a motivam e

refletir historicamente seus usos sociais e midiáticos”, defende.

A pesquisa começou na Fundação Curro Velho – onde Eduardo trabalhou por 17 anos à frente da gerência de audiovisual – e foi aprofundada no Instituto de Artes do Pará, onde o artista foi bolsista por duas vezes.

Para Kalif, foram oportunidades imprescindíveis na sua trajetória com a livre experimentação. Em 2006, ele desenvolveu o projeto “Identidades Refletidas”, que resultou em trabalhos em grande formato, compostos por imagens “fotografadas cianotipicamente” de moradores do centro comercial de Belém. Imagens gigantes em silhueta, enigmas impressos em anil.

“Ali, discutia-se a fotografia como identidade e identificação. Discutia-se também os suportes fotográficos e seus limites, além do conceito mesmo de fotografia, como linguagem liberta dos equipamentos tecnológicos”, explicita. (A.A.)

Outro aspecto suscitado pelos processos artesanais, completa Kalif, é a questão do “momentum fotográfico”, o intervalo de tempo em que a fotografia é produzida – o momento em que é construída a imagem.

“Hoje tudo é tão instantâneo que não há tempo de avaliar e refletir sobre o que se faz. A produção de imagens chega aos zilhões por minuto, no mundo todo. São quase dez bilhões de olhos produzindo ou consumindo imagens.

Hoje quase todo mundo fotografa, no entanto, com pouco ou nenhum poder de proposição e transformação. Cabe agora ao educador visual redirecionar seu olhar para a possibilidade de provocar a reflexão: consumimos ou somos consumidos pelas imagens?”, questiona.



Em imagens, o mistério da fé

FOTÓGRAFO GUY VELOSO MINISTRA A OFICINA “FOTOGRAFIA DOCUMENTAL”

Para compor a série “Penitentes: dos Ritos de Sangue à Fascinação do Fim do Mundo”, o fotógrafo Guy Veloso foi até comunidades distantes do interior do país e lá passou vários períodos, como Semana Santa e Dia de Finados, em busca de grupos que ainda hoje realizam rituais de penitência.

Foram oito anos para fotografar 118 grupos em todas as cinco regiões do Brasil. Mas até chegar à completude, Guy construiu uma rede de informações e contatos necessários para planejar suas viagens e obter permissão para fotografar. O percurso deste projeto é o cerne da oficina “Fotografia Documental”, o segundo curso oferecido pelo II Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia. A atividade, gratuita, acontece entre 22 e 26 de março.

Saber como elaborar um projeto de pesquisa e de realização de um ensaio deste gênero é o primeiro passo para a consolidação de um trabalho,

segundo o próprio ministrante. Com o recorte do projeto “Penitentes”, densa pesquisa iniciada em 2002, Guy foi convidado pelos curadores Moacir dos Anjos e Agnaldo Farias para compor a mostra oficial da 29ª Bienal de São Paulo em 2010.

Durante a oficina, o fotógrafo mostrará como se desenvolveram as pesquisas prévia e de campo. “Falaremos sobre como elaborar um projeto prático de fotografia documental e das fases que envolvem o planejamento, desde a escolha do tema, até a pré-produção, os contatos, a exibição, pós-produção, etc”, explica.

Além disso, a oficina também irá tratar de elementos

que envolvem, por exemplo, técnicas de abordagem pessoal.

PESQUISA

Para fotografar os grupos de alimentadores das almas, como também são conhecidos os penitentes, Guy precisou contatar antes historiadores, sociólogos, antropólogos, e entidades como secretarias de cultura municipais, além de representantes dos próprios grupos.

Antes de fotografar, sempre procura conversar com os fotografados, entender como se dá o ritual, imaginar qual a melhor localização para

fotografar, qual fonte de luz aproveitar.

“Meu equipamento é discreto e o primeiro contato é sem a câmera. Já fiquei quatro anos para obter autorização e quando consegui o pneu do carro que eu estava furou”, conta. Isso aconteceu em Juazeiro, na Bahia. O nordeste foi a região onde tudo começou e onde se tem maior registro de penitentes. Mas em 2009 Guy começou a supor poderiam existir penitentes nas cinco regiões brasileiras.

Jamais pesquisador algum divulgou essa informação. Guy Veloso testemunhou os grupos religiosos de norte a sul. A pesquisa foi o suporte essencial para a realização do projeto, que no início era intuitivo. “Agora é tudo mais sistematizado. O estudo é fundamental. É importante sempre querer saber mais sobre o assunto, tanto historicamente quanto emocionalmente. O ensaio sai sempre melhor”, destaca o fotógrafo.

Exemplos do envolvimento emocional foram algumas intempéries no meio do projeto, como furto de uma câmera filmadora em Aracajú, dengue em Oriximiná, depressão no Ceará em decorrência do tema e brigas por telefone com a então namorada. “Nunca pensei em desistir, mas uma vez já ‘dei um tempo’, saí de Juazeiro com raiva, estava ficando tenso demais com os cânticos tristes e evocações à morte. Fui para Recife, para a praia e fiquei apenas dois dias. Depois voltei correndo para lá, para o sertão, para o meu tema”. (D.G.)

Foto Guy Veloso



Redutos da memória

LUIZ BRAGA É O FOTÓGRAFO CONVIDADO DO II PRÊMIO DIÁRIO CONTEMPORÂNEO DE FOTOGRAFIA

Luiz Braga



Cadeiras vazias. Um corredor. Xícaras penduradas. Uma máquina de costura. Um ferro de passar roupas. Um vaso de cristal sobre uma toalha de crochê. Um copo americano com café com leite, um açucareiro. Objetos que representam ausências: a falta de alguém para sentar, para passar pelo corredor, para beber nas

xícaras, para adoçar a média. Na mostra “Solitude”, com fotografias de Luiz Braga, fotógrafo convidado do II Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia, vê-se memórias de quem não está.

A exposição segue em cartaz no Museu da Universidade Federal do Pará. Na série de 11 imagens inéditas – são

três fotografias em preto e branco e oito coloridas, nas quais feixes de luz e tons de verde se destacam – o paraense apresenta um trabalho diferenciado.

Sua longa trajetória imagética, marcada pela forte presença humana, aqui se faz inversa.

É por meio da falta das

pessoas, que estão ligadas cotidianamente àqueles objetos, que surgem lembranças dos tempos de outrora e do afeto que existe impresso nas coisas e nos cômodos de um lar.

A mostra retrata momentos importantes da vida de Luiz Braga, com situações fotografadas em casas distintas, como a do escritor paraense

Bruno de Menezes, na Cidade Velha. Desta residência, a imagem de um mosquito e uma luminária de uma alcova. O fotógrafo recorda-se imediatamente que quando criança, era em um lugar como esse que ele adormecia. Por várias vezes recorda-se da madrinha, que costurava. O estalar das agulhas fixando a linha no



“Aos 54 anos, de repente me confrontei com a vida. Não perdi pai nem mãe. Eu vou ser avô. Mas podem acontecer muitas mudanças no período de seis meses. A vida vem e de repente você sente o tranco. Vou ter que lidar em breve com isso”, explica-se.

O pontapé para essa percepção do trabalho surgiu com o trabalho de uma fotógrafa norte-americana que fotografou a casa da avó. “Aquilo foi o start que estava faltando pra eu conseguir amarrar o meu pensamento. Olhei e disse: é isso. Essas fotos acabaram sendo a realização de um desejo de partilhar as minhas lembranças com os outros”, diz.

Mas para Luiz, o trabalho teve outra configuração. Ele foi em busca do outro para mostrar suas referências. O desejo era externar o quanto esses objetos fizeram parte da sua vida e o remetem às pessoas queridas, aos momentos especiais, aos lugares da memória. É um trabalho mais profundo. “No momento em que eu me lanço nesses objetos, estou em busca do meu sentimento”. Ao invés de fotografar a finitude impressa nas coisas ao seu redor, Luiz partiu em busca dos objetos dos outros, para através destes falar do seu afeto e do receio das perdas.

VÍDEO

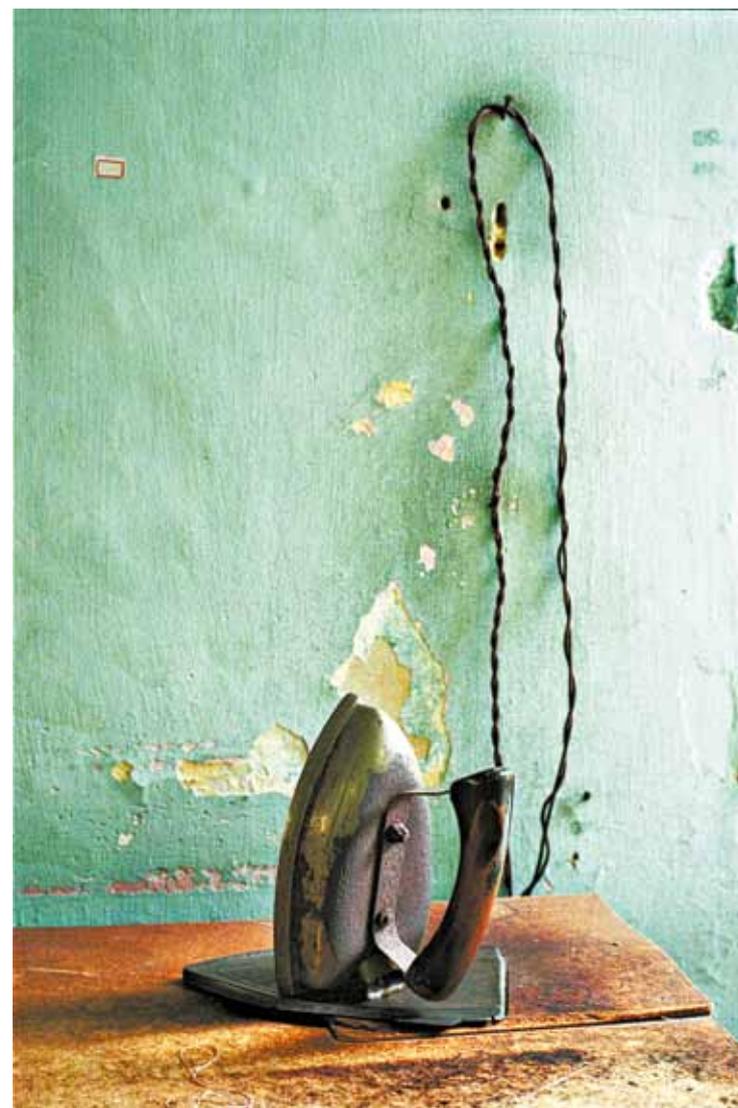
Em outro trabalho também inédito e desta vez em vídeo, Luiz apresenta a crônica de uma relação urbana, de bairro. O vídeo “Do outro lado da rua”, apresentado no Laboratório das Artes, no Museu Casa das Onze Janelas, o autor apresenta cerca de 70 fotografias de uma novena

feita na casa de Dona Zuleide. A vizinha morava em uma casa da Travessa Tirandentes, no bairro do Reduto, em frente de onde hoje localiza-se o seu estúdio fotográfico. E sempre a observava na janela, com um cachorro pequenês nas mãos. Católica, a vizinha sempre recebia as peregrinações da imagem de Nossa Senhora de Nazaré, durante a quadra do Círio. Em uma dessas visitas, em 2003, o fotógrafo decidiu que deveria registrar a fé daquele grupo de idosos.

Foram mais de cem fotografias feitas naquele momento. Luiz explica que não haveria como selecionar apenas uma parte para realizar uma mostra; era necessário mostrar ainda o estágio da perda. “O vídeo foi feito para mostrar tudo, sem eleger

uma imagem em detrimento de outras”, explica. No outro lado da rua, Dona Zuleide não está mais. Ela faleceu em 2005 e a casa em que morava provavelmente foi vendida e agora está demolida. Resta apenas o muro frontal, com uma parte da porta, que está trancada com cadeados e correntes.

“O que existia de afetividade, de tradição nesse espaço de convivência, não há mais”, lamenta o fotógrafo. A edição do vídeo é assinada por Alberto Bitar, editor de fotografia do Diário do Pará. E na trilha sonora, as ladainhas que são cantadas em novenas, marcadas pelo barulho das demolições e construções que assolam o bairro. (D.G.)



pano ainda é latente. Também lembra do crochê que ela fazia. “Tinha em todo lugar. Te confesso que não gostava, achava cafona. Mas quando saí da adolescência - quando negava tudo isso -, e consegui enxergar o que tem de carinho e afeto naqueles pontos... passei a entender”, diz.

“O conceito da exposição surgiu pelas trocas afetivas, de coisas que aconteceram comigo, que falam a mesma coisa. Essas fotos acabaram sendo a realização de um desejo de partilhar as minhas lembranças com os outros”, conta.

EXPOSIÇÃO

As fotografias, a princípio, não foram feitas para uma mostra específica. A primeira data de 1975, e mostra o

quintal de sua antiga casa, onde cadeiras de ferro foram abandonadas. Esta é a única imagem feita com objetos que pertenceram à sua família. A mais recente, de 2004, é única feita com tecnologia digital, mostra uma cena comum das tabernas de bairro: uma média com um açucareiro de metal desgastado, “onde a colher nunca está no lugar certo”, ele observa. Foram quase trinta anos para perceber a unidade entre as 11 fotografias.

A dinâmica da produção de Luiz é assim: o tempo dá o tom, a cor, o conceito. E “Solitude” só faz sentido nesse exato momento da existência do fotógrafo. Luiz explica o motivo para expor algo tão subjetivo: a necessidade de externar questões pessoais e confrontar a finitude da vida.

A fotografia e o museu contemporâneo

CRÍTICO DE ARTE TADEU CHIARELLI REALIZOU BATE-PAPO NO MUSEU DA UFPA

“Ao sair de algumas exposições em museus, galerias e bienais, muitas pessoas experimentam certo amargor relacionado à sensação de que não são cultas. A razão desse sentimento reside no fato de que muito daquilo que observaram não possui conexão com aquilo que, durante anos, foram ensinadas a entender como arte”. Tadeu Chiarelli defende: talvez seja esta a grande razão para que muitos deixem de frequentar exposições de arte contemporânea. Apartada do grande público, portanto, a produção atual tende ao ininteligível, à ausência de sentido, ao silêncio.

Crítico de arte, historiador e atual diretor do MAC-USP – Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, Chiarelli é considerado um dos mais atuantes curadores de arte brasileira contemporânea. Convidado do Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia, ele participou, em fevereiro, do bate-papo “A Fotografia e o Museu Contemporâneo: curadoria

e pesquisa”, em que discutiu temas como a inserção cada vez mais forte da fotografia na arte contemporânea e o papel cultural que exerce o museu de arte hoje.

“Um museu de arte contemporânea pode ter um papel mais ativo do que aquele de simples armazém de obras e/ou de balcão para exposições que chegam de qualquer lugar”, apregoa. No encontro, conduzido pela curadora e professora Marisa Mokarzel, Chiarelli também apresentará obras que integram o acervo do MAC-SP e discutirá como este acervo está sendo repensado no novo projeto de mudança espacial do MAC – um dos maiores e mais ousados projetos de museu contemporâneo na América Latina. Confira a seguir o bate-papo.

Que papel cultural exerce o museu de arte na sociedade de hoje?

Penso que um museu de arte contemporânea pode ter uma papel mais ativo do que aquele de simples armazém de obras e/ou de balcão para exposições que chegam de qualquer lugar, sem conexão profunda com o acervo já existente e com a política própria do museu. Penso que o museu tem que ser um espaço não apenas de recepção e discussão da arte, mas também, no limite, pode ser também um espaço de produção artística.

Você defende que somente com base em um modelo

museológico e museográfico atento será possível diminuir o abismo que há entre público e arte contemporânea. Como isso se dá, na prática?

Penso que o museu – e estou pensando em um museu de arte contemporânea – deve explicitar ao máximo sua estrutura, pois, assim, deixará claro os parâmetros que regem a produção contemporânea. Tornando essas estruturas mais cristalinas é possível tornar o museu e a arte que ele expõe em questões de interesse para a sociedade.

Não acha que a figura do curador também exerce um papel fundamental nessa conquista?

A figura do curador dentro do museu é fundamental para a sua política. Todo museu deve ter sua equipe de curadores, responsáveis por segmentos específicos da coleção. Repare que não me refiro a curadores independentes, mas a curadores de acervo. Será a equipe de curadores quem estabelecerá a política global da instituição e seus contatos com a sociedade.

A mudança no MAC-USP traz vários aspectos simbólicos. O que significa pra você essa fase? Olhando para o futuro, o que vê como seus desafios à frente do novo MAC?

O período que vivemos é muito importante para o MAC-USP: no final do ano passado foi votada a autonomia dos museus da USP e isso

obrigará a todos os museus da Universidade a empreenderem mudanças significativas em seus respectivos regimentos. Tal necessidade de mudança estrutural coincide com o período de preparação de mudança física do MAC-USP que deverá em breve ocupar um espaço no Parque Ibirapuera. E o mais interessante é que todas essas mudanças vão ocorrer no início das comemorações dos 50 anos do MAC – que será em 2013. Dá para imaginar o que tudo isto significa e significará para a instituição.

Você é professor-doutor da USP há 27 anos, ajudou e

ajuda a formar artistas. Que importância dá para a formação nessa área? Por que recomendaria a um aspirante a artista um curso formal?

Eu acredito que a universidade hoje em dia é um dos raros espaços em nossa sociedade em que o debate crítico continua fermentando. É neste sentido que recomendo aos aspirantes a artistas que frequentem a universidade porque ali, mais do que aprender técnicas e procedimentos ele complementar a sua formação no diálogo franco e crítico com professores e colegas. Porque o artista hoje em dia – e já faz tempo! – deixou de ser um mero artesão. Ele é um intelectual fundamental para a sociedade e, portanto, sua formação deve conter não apenas as especialidades técnicas (se ele julgar necessário) mas, sobretudo, o estudo, o debate e a crítica.

Qual a sua opinião sobre a crítica fotográfica feita hoje

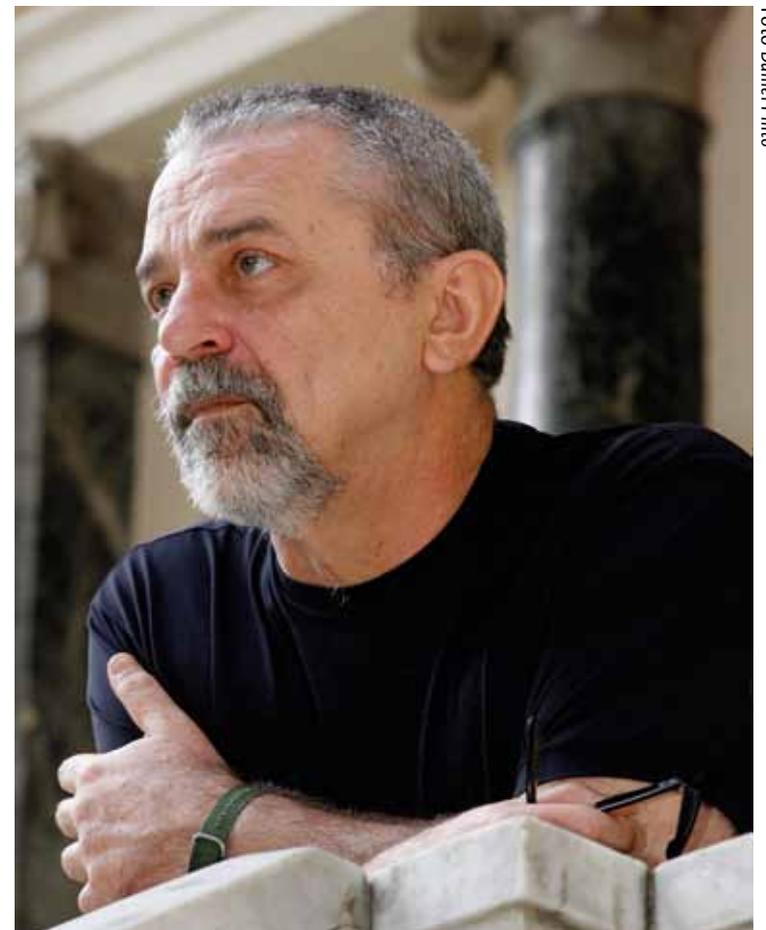


Foto Daniel Pinto

no Brasil?

Penso que a crítica, de uma maneira geral, está em baixa. Nós, no Brasil estamos percebendo que, nos jornais, a crítica cedeu lugar para o release ou o “achismo” de repórteres nem sempre bem formados. A crítica migrou para a universidade e lá permanece em grande parte alijada de um contato mais produtivo com a sociedade. No campo específico da fotografia é interessante notar como grande parte do que se escreve parte de preconceitos e de opiniões meramente pessoais sem nenhuma densidade maior.

E qual o lugar da fotografia na arte contemporânea brasileira?

Eu não vejo um “lugar” para a fotografia na arte contemporânea. Creio que a arte contemporânea é fotográfica.

Você também integra a comissão de seleção do Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia. Qual a importância de projetos dessa natureza - que não se encerram enquanto prêmio e envolvem atividades de formação - na cadeia (produtiva, acadêmica, profissional) da fotografia brasileira?

Penso que toda iniciativa que busca pensar na formação profissional de jovens de talento deve ser valorizada. O Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia, a meu ver, redimensiona os aspectos meramente burocráticos que atividades como essas costumam ter, para buscar, de fato, intervir nos rumos profissionais da juventude ou daqueles que estão começando na carreira. Considero isso um valor positivo e que merece ser apoiado. (A.A.)



Foto Irene Almeida

A comissão de seleção do projeto: Alexandre Sequeira, Marisa Mokarzel e Tadeu Chiarelli. A avaliação dos 254 trabalhos recebidos consumiu três dias.

Projeto também investe em formação

PROGRAMAÇÃO INTENSA, QUE SE ESTENDE ATÉ MAIO, INCLUI BATE-PAPOS, OFICINAS E ENCONTROS COM ARTISTAS

O II Prêmio Diário Contemporâneo traz também uma extensa programação paralela às mostras, como palestras, oficinas e visitas monitoradas com alunos de escolas públicas de Belém.

Como parte do projeto, são oferecidas três oficinas: “Processos da Cianotipia”, ministrada em fevereiro por Eduardo Kalif; “Fotografia Documental”, ministrada por Guy Veloso, que recentemente

expôs o trabalho “Penitentes: dos Ritos de Sangue à Fascinação do Fim do Mundo” na 29ª Bienal Internacional de São Paulo; e “Experimentos da Fotografia Contemporânea”, com Alexandre Sequeira.

Os bate-papos, de caráter reflexivo e de elucidação das acepções contemporâneas sobre a linguagem fotográfica, serão proferidas pelo professor da UFPA Ernani

Chaves, que tem reconhecido percurso acadêmico sobre estética; a professora e curadora Marisa Mokarzel, também dedicada à reflexão e análise crítica da arte produzida no Estado; e novamente, o fotógrafo e também professor Alexandre Sequeira, que estabelece o contraponto, já que também produz trabalho autoral.

Luiz Braga, fotógrafo homenageado desta edição, e Mariano Klautau

Filho, curador geral do projeto, também conversarão com o público, assim como os fotojornalistas do Diário do Pará.

Aguarde a divulgação do número de vagas, horários e locais de realização de cada atividade. Vale lembrar que toda a programação é gratuita.

AGENDE-SE:

- Oficina “Diálogos Fotográficos” com Alexandre Sequeira

Inscrições: até 25 de março. Período: 2 a 20 de abril.

- Bate-papo com Ernani Chaves 24/03 às 19h – IAP.

- Bate-papo com Fotojornalistas 31/03 às 19h – Museu Casa das Onze Janelas.

- Bate-papo com Luiz Braga 06/04 às 19h – IAP.

- Bate-papo com Marisa Mokarzel 28/04 às 19h – IAP.

- Bate-papo com Mariano Klautau 12/05 às 19h – IAP.

Fotografia sem fronteiras

CONFIRA OS ARTISTAS SELECIONADOS E PREMIADOS DO II PRÊMIO DIÁRIO CONTEMPORÂNEO DE FOTOGRAFIA - CRÔNICAS URBANAS

Uma obra de arte, para ser contemporânea, não precisa apontar para as novas mídias – destaca o fotógrafo e professor Alexandre Sequeira. Pode sim, voltar no tempo e mergulhar nos primórdios da imagem, obtida com rudimentares processos artesanais de impressão fotográfica. Pode dialogar com o desenho, com a pintura, lançando um olhar diverso sobre a imagem estática. Ou ainda reverter esse sentido e, criando a ilusão de movimento, remeter à gênese do cinema. Contemporâneo, enfim, é o alargamento das relações possíveis com a fotografia. E essa expansão é a principal marca dos trabalhos selecionados ao II Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia, que teve o resultado divulgado no dia 15 de fevereiro.

“Além da diversidade dos trabalhos, nos chamou atenção o potencial na representação da imagem fotográfica aliada a outras esferas da imagem na tecnologia”, destaca o curador geral do prêmio, Mariano Klautau Filho. A comissão julgadora – formada pelo curador, historiador e crítico de arte Tadeu Chiarelli; a curadora e professora Marisa Mokarzel; e o fotógrafo e professor Alexandre Sequeira – analisou 254 trabalhos vindos de todas as regiões do Brasil. Cada vencedor recebeu um prêmio de R\$ 10 mil, além uma ajuda de custo para a produção dos trabalhos, no valor de



Felipe Baenninger



Péricles Mendes



Fernanda Antoun



Cia de Foto



Anita Lima

R\$ 1.200 – conferida a todos os 21 artistas selecionados. Os trabalhos estão reunidos na mostra “Crônicas Urbanas” em cartaz até o dia 16 de maio no MUFPA.

DIVERSIDADE

“É um conjunto de trabalhos que desmonta um entendimento mais conservador. Mais do que escolher os melhores, reunimos um grupo que aponta questões muito relevantes para a discussão da linguagem fotográfica hoje, da sua amplitude”, diz Alexandre Sequeira. “Premiados e selecionados circunscrevem um campo de discussão extenso, reflexões maduras, que precisam ser observadas”.

Marisa Mokarzel concorda. “O júri ficou atento para o fato de que não se trata de um salão, ou seja, a discussão vai muito além do caráter puramente competitivo. Temos, afinal, um grupo de 21 premiados, entre artistas iniciantes e experientes. São crônicas urbanas sob os mais variados pontos de vista, o exercício da fotografia em suas múltiplas possibilidades, sem distinções”, complementa.

Premiado na categoria “Crônicas Urbanas”, destinada a trabalhos de abordagem documental voltada ao cotidiano ou originados de um projeto autoral de documentação, o cearense Silas José de Paula conferiu uma atmosfera onírica a cenas aparentemente triviais na série “Gente no Centro”, em que registra o movimento diário no centro da cidade, com suas ruas movimentadas, seus camelôs e sua pressa característica.

O prêmio “Diário Contemporâneo”, destinado a trabalhos cujo conceito se

relaciona com instalação, vídeo, objetos ou performances, foi conquistado pelo pernambucano Leonardo Sette, que impressionou o júri com a instalação “Luzes Inimigas”, em que articula o rigor da

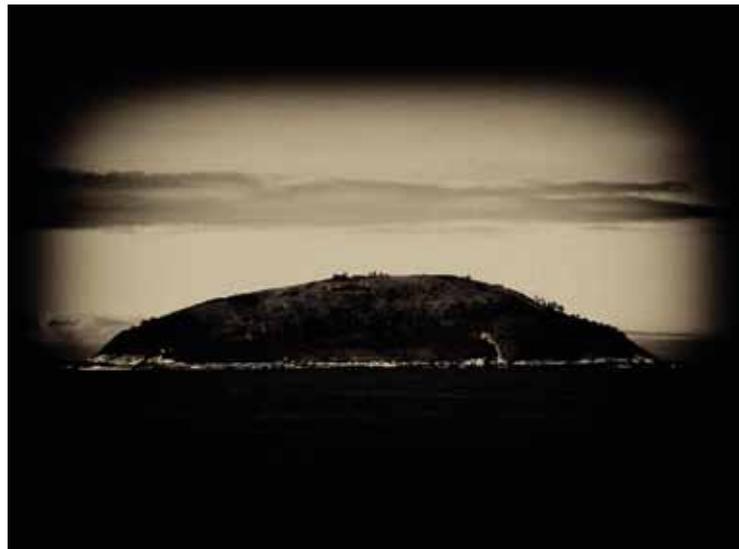
fotografia urbana em preto e branco e a fluidez do vídeo, em uma narrativa em tom confessional.

Roberta Carvalho venceu na categoria Diário do Pará, prêmio que abrange todas as

poéticas e propostas conceituais, destinado somente a fotógrafos paraenses ou residentes atuantes no Pará. “Projeto Symbiosis” constrói-se de projeções multimídia em copas de árvores, discutindo a interação

entre homem e natureza.

Além da premiação e da mostra, a programação prevê ciclo de palestras, bate-papos, encontros com artistas, oficinas e atividades de arte-educação. (A.A.)



José Diniz



Everaldo Nascimento



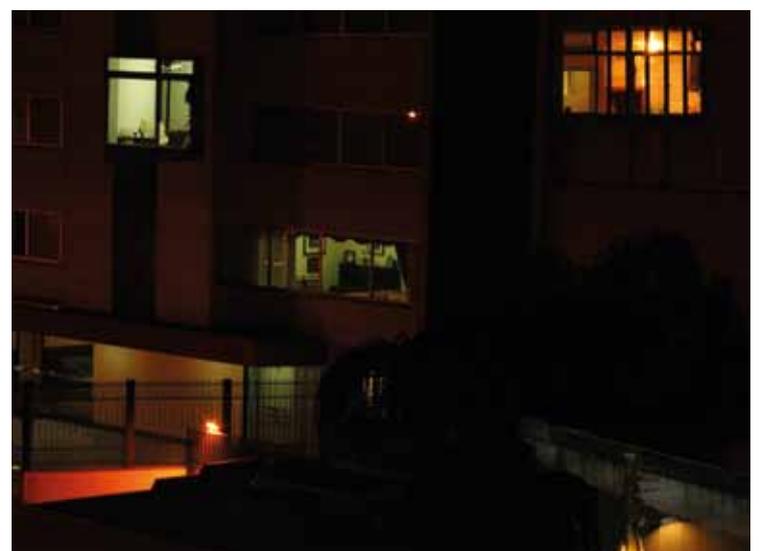
Fernanda Grigolin



Francilins Castilho



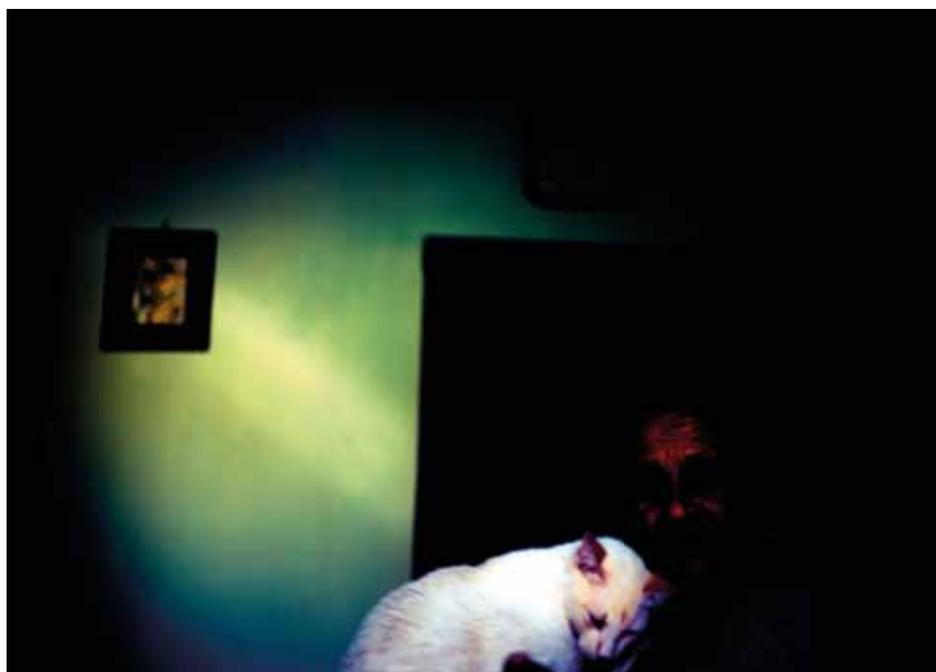
lonaldo Rodrigues



Marina Borck



Fabio Okamoto



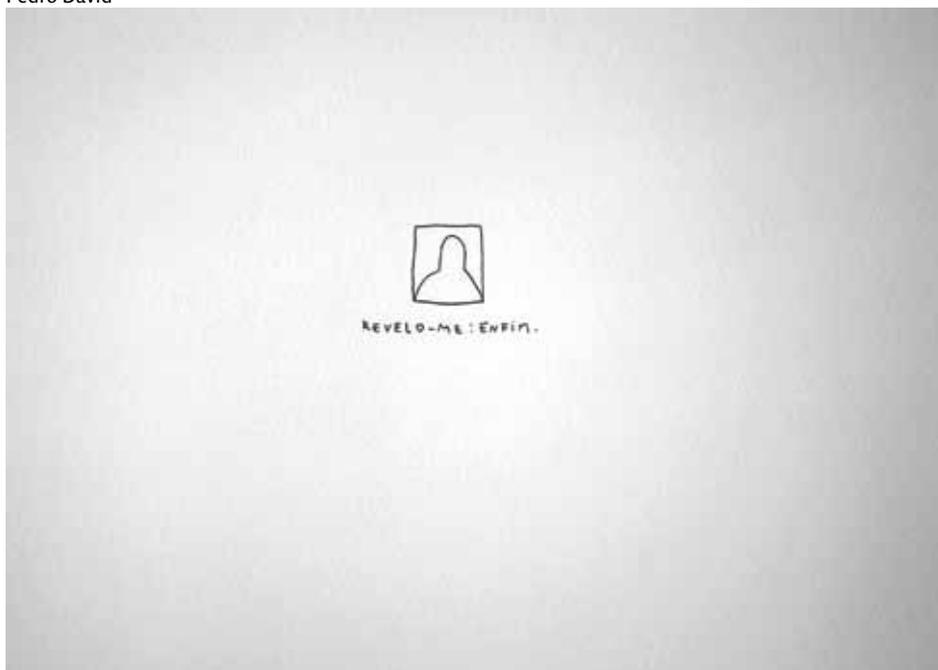
Haroldo Sabóia



Pedro David



Carlos Dadoorian



Keyla Sobral



Ricardo Macêdo

R O D A P É

newsletter # 10



Loja com tudo grátis



Uma loja com inúmeras opções para todos os gostos, onde são oferecidos produtos recém-lançados no mercado a custo zero. Esta é uma modalidade de comércio que tem como moeda de troca a opinião do consumidor sobre produtos novos, que ainda não chegaram no mercado. O conceito surgiu no Japão e já se espalhou pela Austrália, Espanha e Brasil.

O local é como uma loja comum, com produtos dos mais variados, de cosméticos e roupas a comidas. Sob o conceito do tryvertising" (mistura das palavras inglesas "try", teste, e "advertising", propaganda), é uma forma do consumidor conhecer o produto através da experimentação, tirando suas próprias conclusões baseadas não na mensagem de uma propaganda, mas sim por uma experiência profunda. Complementando o sampling tradicional, o tryvertising oferece a oportunidade da utilização de um produto, sem custos, deixando a decisão de compra para uma próxima ocasião. Como contrapartida, depois de um tempo de uso, o cliente tem que dar sua opinião sobre o produto.



Arte-reportagem: Viviane Gueller

<http://vivianegueller.blogspot.com>

vigueler@hotmail.com

Das páginas para a galeria

FOTÓGRAFOS DO DIÁRIO DO PARÁ INTEGRAM MOSTRA ESPECIAL NA CASA DAS ONZE JANELAS

Uma das grandes novidades do Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia nesta segunda edição é a realização de uma coletiva especial, no Museu Casa das Onze Janelas, com imagens dos repórteres fotográficos do jornal Diário do Pará. “Diários da Cidade” que segue em cartaz até 15 de abril, reúne trabalhos de 18 artistas.

“Eles possuem um trabalho que não é mostrado. Vamos aproximar esse universo, trazer o dia-a-dia da cidade para a fotografia contemporânea. É a maneira de chegar até esses arquivos”, explica Mariano Klautau Filho, curador geral do projeto, que assina a curadoria da mostra especial ao lado de Alberto Bitar e Octávio Cardoso, editores de

fotografia do Diário. Agora, estas imagens enfim sairão dos arquivos e acervos direto para as paredes do museu.

Mariano conta que a ideia foi lançada pela fotógrafa Irene Almeida, que também compõe a equipe de organização do projeto, e foi proposta justamente porque aqueles fotógrafos estão diretamente relacionados com a dinâmica da cidade, registrando-a diariamente.

Nas fotografias apresentadas, a cidade de Belém e outras dos arredores com suas belezas e tristezas. Cenas das editoriais de Polícia e Cidades são predominantes: de um lado, crimes, incêndios, desastres como o desabamento do prédio na Travessa Três de Maio, enchentes de ruas,

árvores derrubadas; de outro, cenas corriqueiras da periferia, o colorido de uma quitanda de frutas, as luzes do caos urbano, o movimento de chegada na capital paraense pela visão dos ribeirinhos, de quem mora do outro lado do rio Guamá, crianças brincando de futebol em uma rua de piçarra. “A cidade é a protagonista”, ressalta um dos curadores da mostra, Alberto Bitar.

ACERVO

“Algumas imagens não foram publicadas no jornal, mas marcaram muito quando foram feitas, ficaram na nossa memória. Selecionamos as fotografias em conjunto com cada fotógrafo, tiramos outras do acervo do jornal”, diz

Alberto Bitar, acrescentando que fotógrafos como Wagner Almeida e Anderson Coelho vão apresentar trabalhos inéditos, em vídeo. Ambos foram editados e produzidos em parceria com Alberto Bitar. A escolha pela linguagem aconteceu pelo conceito que eles queriam mostrar. Em “Lume”, de Wagner, um som veloz, rápido, dá o tom das imagens do trânsito caótico de Belém, à noite, em que luzes brancas e vermelhas dos carros compõem as fotografias. Já em “Margem”, de autoria de Anderson, a ideia é retratar a saída diária de pessoas que moram nas ilhas ao redor de Belém, rumo à capital.

Segundo Alberto, são vídeos que se completam e por isso vão estar dispostos diametralmente na sala da exposição do Museu Casa das Onze Janelas. “É a Belém de dentro e de fora. São olhares que se completam. Um mostra a correria de Belém e outro a calma do rio”, comenta. Para Mariano Klautau Filho, essa é a oportunidade de resgatar de acervos e arquivos trabalhos intimamente ligados à temática urbana e que possuem imagens que nem sempre são expostas. O objetivo da mostra é aproximar o dia-a-dia da cidade e a arte contemporânea.

“Pela natureza de seu trabalho, estes fotógrafos têm uma relação com o cotidiano muito intensa, diferente de todos nós. Ao transpor o trabalho das páginas de um

jornal para uma galeria, certas intenções e práticas mais factuais abrem espaço para uma leitura mais plástica da ação de registro, livre das legendas e das informações objetivas”, diz o curador geral do projeto, Mariano Klautau Filho.

Este é mais um espaço que abarca o Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia, que este ano terá mais um mês disponível para as visitas, o que vai viabilizar a ampliação das ações educativas. A exposição seguirá em cartaz até o dia 15 de abril. (D.G.)

PARTICIPANTES

Adauto Rodrigues
Alex Ribeiro
Amaury Silveira
Anderson Coelho
Antônio Melo
Celso Rodrigues
Cezar Magalhães
Everaldo Nascimento
Keylon Feio
Marcelo Lelis
Marcos Santos
Mário Quadros
Mauro Ângelo
Ney Marcondes
Rogério Uchôa
Tarso Sarraf
Thiago Araújo
Wagner Almeida



Ney Marcondes



Wagner Almeida



Alex Ribeiro



Adauto Rodrigues



Amaury Silveira



Anderson Coelho



Celso Rodrigues



Antonio Melo



Cezar Magalhães



Keylon Feio



Everaldo Nascimento



Marcelo Lelis



Marcos Santos



Mário Quadros



Mauro Ângelo



Rogério Uchôa



Tarso Sarraf



Thiago Araújo

II Prêmio

Diário

contem

de Fotografia

porâneo

REALIZAÇÃO

Diário do Pará
Uma empresa da RBA

APOIO

MUSEU
UFPA

]]
Onze Janelas

INAP
Instituto de Artes do Pará

SOL
Tecnologia, arte e cidadania

PATROCÍNIO

VALE